

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL NA UEG CAMPUS INHUMAS: PROJETO DE TRABALHO PELO VIÉS DO BRINCAR, CUIDAR E EDUCAR

Oscar Ferreira Mendes Neto*

Valdirene Alves de Oliveira**

Resumo: O presente artigo aponta embasamentos teóricos e reflexões acerca das ações desenvolvidas nas disciplinas que subsidiam o estágio curricular supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Câmpus Inhumas, especificamente voltadas para a formação docente e atuação na Educação Infantil. O estágio supervisionado nesta etapa da educação básica enfatizou a necessidade do desenvolvimento de atividades com o viés de “momentos” de aprendizagem, que devem ser para e com a criança e elaborados por meio da perspectiva de Projetos Pedagógicos de Trabalho (BARBOSA; HORN, 2008). Tal perspectiva aponta que a criança é concebida como sujeito principal do processo de ensino/aprendizagem e as intervenções. As intervenções desenvolvidas pelos acadêmicos no estágio em Educação foram pautadas e realizadas no eixo brincar-cuidar-educar.

Palavras-chave: Estágio. Educação Infantil. Projeto de Trabalho.

Introdução

Pensar o exercício docente na Educação Infantil¹ (EI) requer desdobramento do profissional docente e romper com a ideia de que o atendimento às crianças tem cunho assistencialista, desvinculado ao educar torna-se uma premissa básica já no início do Estágio Supervisionado em EI. Além disso, também é recorrente no universo da docência nessa etapa uma supervalorização de atividades que corroboram com a “escolarização da EI”, ou seja, o brincar e o educar são colocados em segundo plano ou até mesmo abandonados e suprimidos por atividades e organizações de tempo e espaço que praticamente não diferem do cotidiano do ensino fundamental

O seguinte texto apresenta como o estágio curricular supervisionado na UEG – Câmpus Inhumas busca contribuir com a formação inicial docente, visando à futura atuação

* Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura – FABEC. E-mail: oscar.hand@hotmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: diena2008@hotmail.com

¹ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Nº 9.394 de 1996 a primeira etapa da Educação Básica é destinada às crianças de 0 a 5 anos.

profissional em instituições de EI e sob o eixo norteador a tríade entre o brincar, cuidar e educar.

As considerações aqui tecidas são produtos de uma série de atividades (observações, registros, leituras, debates, orientações, etc.) e reflexões desenvolvidas no decorrer das disciplinas de Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil e Atividades de Orientação em Docência na Educação Infantil, que integram a matriz curricular do Curso de Graduação em Pedagogia, modalidade licenciatura, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), especificamente, no Câmpus de Inhumas, a partir do ano de 2013.

O trabalho docente na EI pautado em Projetos de Trabalho Pedagógico visa o desenvolvimento da criança a partir das experiências significativas vivenciadas no cotidiano das instituições de EI, mediante relações entre adulto/criança e criança/criança embasadas.

A tríade brincar, cuidar e educar – considerada como eixo norteador da Educação Infantil no Estágio Curricular Supervisionado no curso de graduação em Pedagogia da UEG, Câmpus Inhumas – apresenta como essas três ações devem estas intimamente interligadas no exercício docente na EI e a relevância de cada uma no processo formativo da criança.

O Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil pelo viés de Projeto de Trabalho

O processo de formação de professores é permeado por constantes transformações societárias e nesse limiar instaura-se o desafio de efetivar uma proposta que atenda as necessidades sócio-histórico-culturais dos indivíduos, e na correlação com as questões estruturais da sociedade que explicitam as questões de cunho individual e coletivo.

Em maio de 2006 foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Pedagogia, modalidade licenciatura, por meio da Resolução nº1 do Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno (CNE/CP). As Diretrizes trazem algumas mudanças a serem tomadas em aspecto nacional, como a obrigatoriedade da formação do pedagogo para a atuação na Educação Infantil.

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL, 2006, p. 1).

A realização das atividades de estágio faz-se necessária, devido ao ambiente de estágio ser um *lôcus* onde se concretizará vivências que contribuirão para a formação do estudante por meio de experiências adquiridas, sejam elas de caráter didático-pedagógicas, técnico-científicas ou de relacionamento humano. O estágio, ainda, visa integrar os conhecimentos da práxis em benefício da sociedade, de acordo com a realidade local, regional e nacional de onde é realizado.

Lima (2012) afirma que não se deve desvincular teoria de prática, tão pouco prática de teoria, sendo que ambas devem se completar no processo de ensino/aprendizagem vinculada ao contexto em que no qual se está inserido, sendo que:

A prática pela prática e o emprego de técnicas, sem a devida reflexão, podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou uma teoria desvinculada da prática. Essa compreensão tem sido traduzida, como se estivesse desvinculada de uma visão de mundo, de educação, e de docência. (LIMA, 2012, p. 28).

O estágio curricular pautado no vínculo mútuo entre teoria e prática contribui para romper com a ideia de que o estágio curricular supervisionado é instrumento único da inserção na prática pela prática ou que as teorias são verdades acabadas únicas para todas as situações, de forma desarticulada uma da outra. Sob essa perspectiva, a:

[...] teoria e prática são consideradas, na proposta curricular, o núcleo articulador da formação profissional, na medida em que os dois elementos são trabalhados de forma integrada, constituindo uma unidade indissociável. A teoria não se apresenta como um conjunto de regras e normas. É formulada e trabalhada a partir do conhecimento da realidade concreta. Quanto à prática, ela é ponto de partida e, também, de chegada. (FÁVERO, 2011, p. 69).

A atividade de observação da prática associada à fundamentação teórica proporciona meios para a intervenção no campo de estágio, de forma com que parta dos interesses das crianças e para as crianças. Barbosa e Horn (2008) recomendam a metodologia de projetos de trabalhos na EI e expressam que a temática destes projetos deve ser elaborada a partir dos interesses ou necessidades das crianças, pois:

A escolha do tema ou do problema para um projeto pode advir das experiências anteriores das crianças, dos projetos que já foram realidade ou que ainda estejam em andamento e das próprias interrogações que as crianças se colocam. Também o professor, os pais e a comunidade podem propor projetos para o grupo de crianças. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 54).

A aprendizagem, através de projetos pedagógicos, é um processo que se concretiza através do diálogo sobre temas coletados da realidade dos educandos e que possuam uma significação social para o grupo (HERNANDÉZ; VENTURA *apud* BARBOSA; HORN, 2008). Os projetos pedagógicos buscam proporcionar situações de aprendizagens através das “conexões e relações entre sentimentos, idéias, palavras, gestos e ações” (BARBOSA, HORN, 2008, p.26) que possibilita a formação de competências através das experiências vividas e internalizadas pelo cérebro humano, uma vez que:

O cérebro humano é um sistema aberto e fortemente plástico, e cada vez mais está afirmada a idéia de que a inteligência é o processo de estabelecer inter-relações entre as estruturas cerebrais. Quer dizer, a inteligência não é algo que acompanha o envelhecimento, tornando mais inteligente aquele que está mais velho ou preestabelecido ao nascer. A inteligência vai sendo formada à medida que o sujeito se vê frente a situações desafiadoras, enfrentando problemas – reais ou abstratos – que se constituem na dinâmica cotidiana das relações dos indivíduos com o meio. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 27).

Os projetos de trabalho pedagógico devem ter como ponto de partida uma situação problema real que atinja ao grupo em questão sob a ótica social, cultural, histórica, emocional e cognitiva. O trabalho com projetos pedagógicos possibilita a aprendizagem de conhecimentos diversos de forma relacional, abandonando o método linear e pré-estabelecido, por meio das múltiplas linguagens e desenvolvimento de aspectos “cognitivos, afetivos, sociais, estéticos e motores” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 28).

Aliado ao projeto de trabalho, há a necessidade de se construir um planejamento das atividades de maneira sólida, garantindo o processo de ensino-aprendizagem, considerando que o planejamento na EI, assim como nas demais esferas da educação, é um exercício de extrema relevância para o exercício docente. Ostetto (2002) afirma que o planejamento na EI, tanto nas creches quanto nas pré-escolas, deve estar repleto de intencionalidades, garantindo assim o desenvolvimento e a aprendizagem dos envolvidos no processo.

O educador ao elaborar o projeto de trabalho e planejamento de intervenção deve ter clareza da intencionalidade de tais atividades, no qual os temas surgirão a partir das vontades e/ou necessidades das crianças, podendo ser “escolhidos pelo professor, sugeridos pelas crianças ou sugeridos de situações particulares e significativas vivenciadas pelo grupo indicam o trabalho a ser desenvolvido” (OSTETTO, 2002, p. 185).

Ao se pensar e propor o trabalho com projetos, o educador rompe com ideia de um mero transmissor de conhecimentos, que deve seguir uma listagem de atividades pré-definidas

a serem desenvolvidas com as crianças, descartando o conhecimento prévio que trazem consigo e seus interesses e necessidades para a construção de um ser social capaz de indagar sobre o mundo a sua volta e a vida em sociedade. Barbosa e Horn (2008) concebem que

A proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e de dependência do grupo; momentos de cooperação do grupo sob uma autoridade mais experiente e também de liberdade; momentos de individualidade e de sociabilidade ; momentos de interesse e de esforço; momentos de jogo e de trabalho com fatores que expressam a complexidade do fato educativo. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 31).

Nesse sentido, é essencial que sejam desenvolvidas atividades por meio da interação e do compartilhamento de experiências por meio da relação entre professor/criança e criança/criança. Os conteúdos devem ser delimitados a partir da realidade em que a criança está inserida, possibilitando maior significação para a aprendizagem dos alunos e a construção de novos conhecimentos por meio da troca de experiências.

As crianças, ao se trabalhar com projeto de trabalho pedagógico na EI, são consideradas os principais sujeitos do processo de ensino/aprendizagem, já que o espaço e as atividades são pensados com elas e para elas. Ao pensar o espaço em que serão desenvolvidas as atividades com as crianças da EI, Barbosa e Horn sustentam que:

Nesse sentido, não cabe considerar uma sala de aula como uma estrutura centrada na figura do adulto, com lugares e materiais definidos previamente, os quais não permitem novas interações das crianças como meio, novos olhares das crianças da realidade em que se inserem. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 46).

O processo de construção de conhecimento das crianças nesse período da Educação Básica proporciona às crianças aprendizado por meio das múltiplas linguagens e a partir das relações estabelecidas no processo, considerando as emoções, ações, ideias, palavras, sentimentos e a gestualidade, possibilitando também desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, estético e motor.

Brincar, Cuidar e Educar na Educação Infantil

Em 17 de dezembro de 2009, o Ministério da Educação (MEC), juntamente com a Secretaria da Educação Básica, fixaram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Em tal documento, a EI é definida como:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2009, p. 12).

As DCNEI trazem no corpo do seu texto a definição de criança, concebida como sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e coletiva, lhe dá significado ao meio em que está inserido e produz cultura, através das vivências, questionamentos e relações com seus pares e a sociedade.

Nono (s/d) afirma que a EI deve desenvolver um papel com “dupla função” nas creches e pré-escolas, assumindo uma prática pedagógica guiada pelos eixos cuidar e educar. Sob essa perspectiva, o aprendizado acontece por meio das atividades pertinentes ao cotidiano, como exemplo o banho que pode proporcionar às crianças o conhecimento do próprio corpo e a importância da higiene. A relação cuidar/educar na EI “significa tratar de situações presentes neste espaço como possibilidades de desenvolvimento para as crianças” (NONO, s/d, p. 2), pois:

É fundamental que as práticas de cuidado estejam interligadas às práticas em que se educa em que se proporciona a conquista da linguagem, a exploração do próprio corpo e a dos movimentos, o desenvolvimento da autonomia, a percepção do mundo e a atuação sobre ele. (NONO, s/d, p. 2).

Ao se pensar a EI pautada na cuidar e educar significa a necessidade de projetar o processo de desenvolvimento dessas crianças como possibilidades presentes em todas as situações e espaços desse universo. Situações corriqueiras que a princípio possam parecer apenas de cuidado e sem vínculos com o processo de educar devem ser percebidas e resignificadas. O banho, a alimentação, o sono e outros momentos que a priori seriam apenas de cuidado e higiene, não podem ser extremamente mecânicos, uma vez que intenciona:

aproveitar cada situação para proporcionar o desenvolvimento integral das crianças. Trata-se de aproveitar cada situação para observar as particularidades de cada criança, oferecendo-lhe, inclusive, momentos de atenção individual, mesmo em situações coletivas. (NONO, s/d, p. 2).

Schultz (1997), pensando essa “dupla função”, aborda a contribuição da Teoria Winnicottiana, afirmando que é necessário desenvolver em sua rotina atividades na qual o bebê seja “alimentado, manipulado, embalado, banhado e nomeado” (p. 340). O professor que

atuará na EI, em especial no campo creche, acaba exercendo função de maternagem, já que as crianças precisam de cuidados, estabelecendo uma “relação analógica à relação de mãe e filho” (p.341). Porém, as relações de cuidados devem estar sempre fundamentadas teoricamente e o professor deve ter consciência de sua prática atrelada à teoria. De acordo com Schultz, “se, para o adulto, ele está apenas passando um creme, para o bebê é uma sensação de prazer e de reconhecimento do próprio corpo, e que tem a ver com a formação da sexualidade da criança” (SCHULTZ, 1997, p. 341).

O profissional docente que atua na EI deve ter compreensão de que vai além dos simples cuidados básicos com a criança e sua higiene. O professor deve proporcionar às crianças momentos que estabeleçam contatos com diferentes espaços, naturais ou artificiais. É necessário que esses espaços estimulem a imaginação e a criatividade da criança, assim como a autonomia, à cooperação e a solidariedade, ou seja:

É uma das funções da professora e da instituição de educação infantil garantir os meios pelos quais todas as crianças, inclusive as bem pequenas, tenham acesso e possam usufruir da riqueza de experiências que a natureza pode proporcionar. Faz parte de suas atribuições planejar e organizar o espaço a ser utilizado. Um espaço caloroso, seguro, que desperte a imaginação, a criatividade, a cooperação, a solidariedade e a autonomia das crianças, com limpeza e segurança, é condição para que meninos e meninas vivam sua infância na instituição de educação de forma livre e espontânea. (TRISTÃO, 2006, p. 54).

Outro importante eixo norteador da EI é o brincar, que está intrinsecamente ligado ao educar. O brincar proporciona às crianças descobertas e significados, estimula a criatividade e a imaginação por meio da fantasia e do “faz-de-conta”, pode ser instrumento de expressão do cotidiano e da realidade na qual está inserido e promove a interação entre os envolvidos. Segundo Rosa e Lopes (2014), “brincando, a criança aprende a ser humana, solidária, aprende a viver, a sonhar, a imaginar, a ter autonomia e a construir conhecimento sobre o mundo a sua volta” (p. 63).

Dornelles (2001), afirma que através da brincadeira, a criança ressignifica o conceito de infância. A brincadeira é um ato lúdico que se transforma a cada geração e transforma os envolvidos nesse processo, garantindo e expandindo a cultura infantil, contribuindo para a convivência entre os pares e sempre carregadas de informações que contribuirão para a vida em sociedade. A contribuição do brincar exerce relevante influência sobre a formação social e cultural da criança, Borba (2009) acrescenta que:

No seu percurso de crescimento e desenvolvimento, a criança vai então se apropriando dessa forma de ação social e do acervo cultural de brincadeiras constituídas historicamente no seu contexto cultural, incorporando referências que a ajudam a participar de brincadeiras e a criar e reinventar novos modos de brincar. (BORBA, 2009, p. 72).

Maluf (2012) assegura que o brincar possui a mesma carga de significância que o estudar na EI, pois a brincadeira cria possibilidades de resolução e enfrentamento de problemas. O brincar contribui ainda para a estruturação da identidade da criança por meio das relações do meio social concreto na qual está inserida com o imaginário, em outras palavras:

A criança é curiosa e imaginativa, está sempre experimentando o mundo e precisa explorar todas as suas possibilidades. Ela adquire experiência brincando. Participar de brincadeiras é uma excelente oportunidade para que a criança viva experiências que irão ajudá-la a amadurecer emocionalmente e aprender uma forma de convivência mais rica. (MALUF, 2012, p. 21).

O brincar por meio das atividades lúdicas possibilita às crianças dessa fase alcançar novos significados e conhecimentos de forma ingênua e prazerosa, aprendendo através de momentos de descontração e alegres. Maluf (2012) afirma que:

Na Educação Infantil, por meio de atividades lúdicas, a criança brinca, joga e se diverte. Ela também age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. As atividades lúdicas podem ser consideradas tarefas do dia a dia na Educação Infantil (MALUF, 2012, p. 21).

A brincadeira na EI deve ser considerada uma das atividades de maiores relevâncias, pois contribuem para o processo de formação das crianças por meio das interações que são estabelecidas entre as crianças e as crianças e as crianças e os adultos, sendo considerada como um processo para formulação de saberes através da experimentação. Moura (2009) concebe que

a brincadeira favorece a interação, a construção da identidade e da alteridade, contribui para a apropriação de modelos, para o aumento da autoestima, para a construção da subjetividade, para a compreensão e o conhecimento de mundo, das pessoas, dos sentimentos, etc. (MOURA, 2009, p. 81).

O exercício do brincar é um dos meios que compõem o processo avaliativo do desenvolvimento das crianças que estão inseridas nessa fase da educação básica, garantindo

“a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano” (BRASIL, 2009, p. 29). O processo avaliativo na EI deve abandonar concepções de seleção, promoção ou classificação, já que não há a retenção das crianças na EI e cada criança responderá a cada processo de aprendizagem de maneira diferente, levando em conta a subjetividade.

Ao professor/educador/mediador que virá a atuar na EI é necessário compreender que o processo de ensino/aprendizagem não se cria apenas com a produção material concreto para serem caracterizados como processo educativo, principalmente com as crianças do berçário, no qual “o trabalho com bebês não deve estar associado a produção, mas sim a muita experimentação” (SOUZA; WEISS, 2014, p. 38). As vivências e experimentações devem ser significativas e em todos os sentidos, respeitando as particularidades e momentos de cada um para apropriação de tal momento.

Considerações Finais

O Estágio Curricular Supervisionado em EI no curso de Licenciatura em Pedagogia da UEG, Campus Inhumas se apresenta e se organiza como um momento em que se estabelece relação de indissociabilidade entre teoria e prática no processo ação-reflexão-ação, pois a atividade docente é algo em constante transformação, que se faz/refaz as experiências vivenciadas no curso da formação e da profissão.

Os eixos brincar, cuidar e educar foram abordados no estágio supervisionado em EI na perspectiva de que devem estar estreitamente interligados, de forma que a EI seja compreendida como um ambiente que cuida e educa por meio das brincadeiras, das interações adulto/criança, crianças/criança e criança/sociedade. A criança concebida como sujeito de direitos pertencente a um espaço, cultura e tempo em particular, no qual o processo de ensino/aprendizagem parte de suas curiosidades e necessidades.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. *In*: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução Nº 1**, de 15 de maio de 2006: institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em pedagogia, licenciatura. Brasília: MEC, CNE/CP, 2006.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Resolução Nº 5**, de 17 de dezembro de 2009: institui diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Lei Nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

DORNELLES, Leni Vireira. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Universidade e Estágio Curricular: subsídios para discussão. *In*: ALVES, Nilda (Org.). **Formação de Professores: pensar e fazer**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 57-76.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente**. Brasília: Liber Livro, 2012. (Coleção Formar).

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe de. A brincadeira como encontro de todas as artes. *In*: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

NONO, Maévi Anabel. **Educar e Cuidar nas Creches e Pré-Escolas**. São Paulo: UNESP, s/d. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/230/1/01d12t04.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014, às 18h.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontro e Encantamento na Educação Infantil: partilhando experiências de estágio**. Campinas: Papirus, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção “Docência em Formação” – Série “Saberes Pedagógicos”).

ROSA, Cristina Dias; LOPES, Elisandra Silva. Aventuras de viver, conviver e aprender com as crianças. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2014, p. 49-68.

SCHULTZ, Lenita Maria J. **Professoras de Bebês**. In: Educativo. Goiânia: Dep. de Educação da UCG, 1997, p. 335-348.

SOUZA, Andressa Celis; WEISS, Vanilda. Aprendendo a ser professora de bebês. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2014, p. 49-68.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José Martins *et. al.* **Infância Plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 39-58.